

# REGIMENTO DE 1948, OS NOVOS CURSOS E O CURSO DE ARTE DECORATIVA

**Marcele Linhares Viana**

Em meados dos anos 1940 a Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) passa por uma importante mudança na sua estrutura educacional que vigora, com algumas alterações, desde os tempos da Academia Imperial de Belas Artes.

Esta estrutura, que tem como base a tríade das belas artes – pintura, escultura e arquitetura –, começa a ser fragmentada ao longo dos anos 1930 e 1940 em função de divergências internas entre docentes e discentes desses cursos. Tais discussões e movimentos resultam na separação do curso de Arquitetura da ENBA, em 1945, seguida da criação da Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA).<sup>I</sup>

Nesta ocasião, tanto ENBA quanto FNA compõem a Universidade do Brasil<sup>II</sup>, e o último regimento da Escola data de 1931, quando a instituição integra a estrutura universitária. O regulamento, de certa maneira, já anuncia uma segmentação interna, pois apresenta a Escola dividida em dois blocos, um composto pela Pintura e Escultura, outro pela Arquitetura.

A partir, então, de meados da década de 1940, diante das novas condições, a ENBA necessita se reorganizar e tem a oportunidade de reestruturar as bases do seu ensino artístico.

O Regimento Interno da Escola Nacional de Belas Artes, editado pela Imprensa Nacional, em 1948, começa a ser gerido no ano de 1946.<sup>III</sup> A reformulação é feita por uma comissão de professores liderada pelo historiador da arte e então diretor, Fléxa Ribeiro, e redefine o ensino artístico da ENBA em cinco cursos: Pintura, Escultura, Gravura<sup>IV</sup>, Professorado em Desenho e Arte Decorativa.

Os três primeiros cursos têm duração de cinco anos seriados, e os dois últimos, tempo mínimo de quatro anos para conclusão. Neste sentido, a Escola que antes formava artistas e arquitetos, expande seu campo, passando a oferecer formação “teórica e prática” voltada para a habilitação de “profissionais que se destinam à Pintura, à Escultura, à Gravura, à Decoração e ao Professorado de Desenho”<sup>V</sup>.

E, de acordo com o Regimento, “o aluno que obtiver maior grau na aprovação e concluir o curso com bom aproveitamento poderá gozar do Prêmio de Viagem ao estrangeiro por dois anos.”<sup>VI</sup>

No referido documento, a Escola é apresentada como instituição destinada ao “ensino de grau superior, técnico e estético das artes que têm como fundamento o desenho”<sup>VII</sup>.

O ensino artístico pautado no desenho já está presente na metodologia da instituição desde o século XIX, porém sua reafirmação neste momento parece funcionar como uma âncora que marca a tradição da instituição, mesmo com a inserção de dois novos cursos e a supressão do ensino de arquitetura.

Ela também é reforçada pela criação do curso de licenciatura, previsto também desde fins do século anterior, para atender a demanda do ensino de desenho nas escolas de níveis primários e secundários.

O curso de Arte Decorativa, destinado a formação em “decoreção”, como descrito pelo regimento, entretanto, aparece no novo quadro dos cursos sem muitas justificativas. O ensino das artes decorativas se dá na Escola, porém, desde os anos 1930, a partir da criação, em 1933, da cadeira Arte Aplicada – Tecnologia e Composição Decorativa<sup>VIII</sup>. A graduação em Arte Decorativa, então, representa a elevação de uma disciplina corrente da ENBA, oferecida tanto para a Arquitetura quanto para Pintura e Escultura, a um curso superior autônomo.

A ascensão do ensino de arte decorativa a uma graduação marca um importante momento para a formação artística na ENBA. Tais mudanças institucionais, iniciadas em 1946, com a gestão do novo regimento e com a publicação de Portarias do governo para a Universidade do Brasil, começam antes mesmo da nova regulamentação dos cursos, com as divisões departamentais da Escola.

A criação do Departamento de Arte Decorativa, com Henrique Cavalleiro à frente, deriva da disciplina de mesmo nome, apontando a relevância da cadeira junto às demais, que também são organizadas em unidades do mesmo tipo, como: Modelo Vivo (Rodolfo Chambelland), Pintura (Augusto Bracet), Modelagem (João Zaco Paraná) e História da Arte (Fléxa Ribeiro).<sup>IX</sup> Cavalleiro é o então professor da cadeira de Arte Decorativa, cargo que ocupa entre os anos de 1938 e 1949.

Antes do pintor, o arquiteto Roberto Lacombe leciona a matéria, entre 1933 e 1937. Após 1945, Lacombe permanece vinculado à FNA, enquanto Cavalleiro assume o Departamento de Arte Decorativa na ENBA até a efetivação do curso de graduação para o qual é aprovado em concurso um professor catedrático.

Além de Cavalleiro, outros professores também corroboram com a expansão do ensino das artes decorativas na Escola, principalmente Fléxa Ribeiro. A abertura da graduação de Arte Decorativa, porém, não é do interesse de todo corpo docente da Escola. Alguns docentes defendem que a cadeira não deve ser elevada a uma graduação e que sua função para contribuição no ensino artístico é suficiente apenas como matéria regular.

Entretanto, muitos desses professores acabam lecionando no curso de Arte Decorativa, como Onofre Penteadó (Desenho Artístico) e Gerson Pompeu Pinheiro (Perspectiva e Sombras). Por outro lado, outros docentes não só apoiam o curso, como fazem questão de atuar de forma diferenciada com as turmas de Arte Decorativa, como Celita Vacani (Modelagem) e Marques Junior (Modelo Vivo).

Fléxa Ribeiro, que atua como professor de História da Arte no curso de Extensão Universitária de Arte Decorativa que Eliseu Visconti ministra na Escola Politécnica desde 1934<sup>X</sup>, analisa a questão do ensino das artes decorativas como uma lacuna no ensino artístico da ENBA.

Em entrevista à Revista do Serviço Público ele avalia as reformas de 1915 e 1931 da Escola como ações que iniciam a amplitude dos cursos da ENBA, porém somente o Regimento de 1948 dá a devida atenção ao segmento das artes decorativas:

O regulamento [de 1948], atualmente em vigor, decretado já na autonomia da Universidade, procurou corrigir, até certo ponto, a referida lacuna. Evidentemente, que a Escola Nacional de Belas Artes está num período de reorganização e que só se completará quando o poder legislativo instituir os novos órgãos, indispensáveis à amplitude de sua vida artística e decorativa.<sup>XI</sup>

A tendência internacional da história da arte, que vigora desde meados do século XIX, que exalta as artes aplicadas à indústria e enfatiza as artes decorativas como origem das artes visuais é compreendida por Fléxa Ribeiro como uma importante justificativa para sua inserção no ensino da Escola e sua expansão na formação artística da ENBA. No Regimento de 1948, o curso de Arte Decorativa se diferencia dos demais listados não apenas por seu caráter artístico-industrial, mas, principalmente por

REGIMENTO - ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES   CURSOS					
1948					
	Pintura (5 anos)	Escultura (5 anos)	Gravura (5 anos)	Arte Decorativa (4 anos)	Professorado de Desenho (4 anos)
1º ano	1. Desenho Artístico (cópia gesso) 2. Modelagem (cópia de motivos de gesso) 3. Geometria Descritiva 4. Arquitetura Analítica	1. Desenho Artístico (cópia gesso) 2. Modelagem (cópia de motivos de gesso) 3. Geometria Descritiva 4. Arquitetura Analítica	1. Desenho Artístico 2. Modelagem (cópia de motivos de gesso) 3. Geometria Descritiva 4. Arquitetura Analítica	1. Desenho Artístico (1ª parte)** 2. Modelagem (1ª parte)** 3. Geometria Descritiva**	1. Desenho Artístico (1ª parte) 2. Modelagem 3. Geometria Descritiva
2º ano	1. Desenho Artístico (cópia de motivos do natural) 2. Modelagem (cópia de motivos do natural) 3. Anatomia e Fisiologias Artísticas 4. Perspectiva, Sombras e Estereotomia	1. Desenho Artístico (cópia de motivos do natural) 2. Modelagem (cópia de motivos do natural) 3. Anatomia e Fisiologias Artísticas 4. Perspectiva, Sombras e Estereotomia	1. Desenho Artístico 2. Modelagem (cópia de motivos do natural) 3. Anatomia e Fisiologias Artísticas 4. Perspectiva, Sombras e Estereotomia	1. Desenho Artístico (2ª parte)** 2. Modelagem (modelagens e croquis)** 3. Anatomia e Fisiologias Artísticas** 4. Perspectiva, Sombras e Estereotomia**	1. Desenho Artístico (2ª parte) 2. Modelagem 3. Anatomia e Fisiologias Artísticas 4. Perspectiva, Sombras e Estereotomia
3º ano	1. Desenho de Modelo Vivo (1ª parte) 2. Composição Decorativa (1ª parte) 3. Desenho de Croquis 4. Pintura	1. Desenho de Modelo Vivo (1ª parte) 2. Composição Decorativa (1ª parte) 3. Desenho de Croquis 4. Escultura	1. Desenho de Modelo Vivo 2. Composição Decorativa (1ª parte) 3. Desenho de Croquis 4. Gravura de Medalha e Pedras Preciosas	1. Desenho de Modelo Vivo (1ª parte)** 2. Composição Decorativa (1ª parte)** 3. Desenho de Croquis** 4. Arquitetura Analítica** 5. Decoração de Interior (1ª parte)**	1. Desenho de Modelo Vivo 2. Desenho de Croquis 3. Desenho Técnico 4. Psicologia Aplicada à Educação*
4º ano	1. História da Arte e Estética (1ª parte) 2. Desenho de Modelo Vivo (2ª parte) 3. Composição Decorativa (2ª parte) 4. Pintura	1. História da Arte e Estética (1ª parte) 2. Desenho de Modelo Vivo (2ª parte) 3. Composição Decorativa (2ª parte) 4. Escultura	1. História da Arte e Estética (1ª parte) 2. Desenho de Modelo Vivo (2ª parte) 3. Composição Decorativa (2ª parte) 4. Gravura de Medalhas e Pedras Preciosas	1. História da Arte e Estética** 2. Desenho de Modelo Vivo (2ª parte)** 3. Composição Decorativa (2ª parte)** 4. Decoração de Interior (2ª parte)**	1. História da Arte e Estética 2. Desenho de Modelo Vivo 3. Didática do Desenho* 4. História e Filosofia da Educação*
5º ano	1. História da Arte e Estética (2ª parte) 2. Desenho de Modelo Vivo (3ª parte) 3. Pintura 4. Teoria, Conservação e Restauração da Pintura	1. História da Arte e Estética (2ª parte) 2. Desenho de Modelo Vivo (3ª parte) 3. Escultura	1. História da Arte e Estética (2ª parte) 2. Desenho de Modelo Vivo (3ª parte) 3. Gravura de Medalhas e Pedras Preciosas 4. Gravura de Talho-doco, Água-forte e Xilogravura	<b>ESPECIALIZAÇÃO</b> Ensino de uma disciplina por no máximo 3 anos (ministradas por professores contratados)	
6º ano				1. Pintura Decorativa 2. Escultura Decorativa 3. Cerâmica 4. Cenografia 5. Arte da Publicidade e do Livro 6. Mobiliário 7. Tapeçaria, Tecidos e Papel Pintado	
7º ano				8. Artes do Metal 9. Artes do Vidro e do Vidro 10. Indumentária	
OBSERVAÇÕES	*Disciplinas complementares (ministradas na Faculdade Nacional de Filosofia da UB) ** Cadeiras Técnico práticas *** Cadeiras Práticas - O curso de Arte Decorativa confere o diploma de "Decorador" - Cadeiras do Departamento de Arte Decorativa: Composição Decorativa e Decoração de Interiores (Curso Geral), Arte da Publicidade e do Livro, Cenografia, Indumentária, Mobiliário, Artes do Metal, Artes do Vidro e do Vidro, e Tapeçaria, Tecidos e Papel Pintado. (p.39) - As cadeiras Arquitetura Analítica e Arte Decorativa passarão a denominar-se Desenho de Ornatos e Elementos de Arquitetura, e Composição Decorativa.				

Tabela 1. Tabulação de dados do Regimento Interno da ENBA (Universidade do Brasil) de 1948 feita por Marcelle Linhares Viana. Documento aprovado pelo Conselho Universitário de 17/08/1946 e publicado no Diário Oficial de 08/08/1947. Fonte: Regimento Interno da ENBA – UB 1948 (aprovado pelo conselho universitário de 17 de agosto de 1946, publicado no DOU de 08 de agosto de 1947 e entrou em vigor em 1949), pp442-492.

oferecer um diferente espectro de formações complementares através de dez especializações que devem ser frequentadas pelos alunos após sua formação nos quatro anos seriados. (Tabela 01)

De acordo com o Regimento, a graduação de Arte Decorativa é destinada à formação de “profissionais-decoradores, visando conhecimento particular da arte ornamental.”<sup>VI</sup> Os quatro anos do curso compreendem uma parte de ensino teórico-prático, de “aprendizado de criação”<sup>II</sup>, e outra de “demonstração em matéria definitiva”<sup>III</sup>.

As disciplinas que se destacam são Composição Decorativa, Arquitetura Analítica<sup>IV</sup> e Decoração de Interior, ministradas por professores catedráticos.

Nessa ocasião, além do diretor da ENBA e do antigo professor da disciplina, Henrique Cavalleiro, também Quirino Campofiorito apoia diretamente o curso. É ele quem assume a cátedra de Arte Decorativa, em 1950, cargo onde permanece até fins dos anos 1960.

Em 1951, Cavalleiro, passa a ministrar a cadeira de Paisagem no curso de Pintura da Escola e, no ano seguinte, retorna à área de arte decorativa como docente da Especialização de Pintura Decorativa, mantendo-se assim, ainda vinculado ao ensino nessa área até sua aposentadoria.<sup>V</sup>

Campofiorito assume a cátedra do curso de Arte Decorativa com especial dedicação e defende, de forma fervorosa, o ensino dessa arte na Escola.

O catedrático estabelece importantes vínculos com artistas e profissionais-decoradores atuantes no mercado, além de atualizar frequentemente o programa de suas disciplinas através de cursos no exterior e visitas a instituições de ensino de renome internacional, como as escolas de Arte Decorativa da Grã-Bretanha, da França, da Alemanha, entre outras.

Na ENBA, Campofiorito é o responsável pela indicação de docentes para as Especializações de Arte Decorativa, coordenadas, em geral por “professores contratados”. Os alunos devem, após concluir a graduação, escolher uma das Especializações para estudo aprofundado “sem limite de tempo”<sup>VI</sup>, porém não sendo permitido exceder três anos. As Especializações são:

- 1) Pintura Decorativa;
- 2) Escultura Decorativa;
- 3) Arte da Publicidade e do Livro;
- 4) Cenografia;
- 5) Indumentária;
- 6) Cerâmica;
- 7) Mobiliária;
- 8) Tapeçaria, Tecidos e Papel Pintado;
- 9) Artes do Metal e
- 10) Artes do Vitral e do Vidro.

Durante os primeiros anos do curso apenas cinco das dez especializações são implantadas. As duas primeiras a serem instaladas na ENBA são Indumentária e Cerâmica, ministradas, respectivamente, pelas professoras Sophia Jobim Magno de Carvalho e Hilda Goltz. Ambas as docentes são atuantes no mercado profissional, Sophia, nesta época, já é responsável por um curso próprio e organiza o acervo do que será, futuramente, inaugurado como o primeiro museu de indumentária do país. A gaúcha Hilda Goltz, possui ateliê de cerâmica ativo no Rio de Janeiro e trabalha com diferentes técnicas e acabamentos em peças utilitárias, que incluem desde vasos e bases de abajur a acessórios de moda feminina.

Em seguida, são implantadas as Especializações de Cenografia (Tomás Santa Rosa), Arte da Publicidade e do Livro (Waldomiro Christino) e Pintura Decorativa (Henrique Cavalleiro). O curso de Cavalleiro dá continuidade ao trabalho que o artista, de certa maneira, introduzia quando estava a frente da disciplina Arte Aplicada nos anos 1930-40, porém com ênfase na atuação do pintor.

A Especialização coordenada por Santa Rosa possui caráter mais voltado ao diversificado campo da cenografia da época, que inclui desde trabalhos para teatro e musicais, até decorações carnavalescas de clubes e salões, e concursos públicos para ornamentação do carnaval de rua. No curso de Christino o foco volta-se para trabalhos de ilustração, gravura e aquarelas para campanhas publicitárias, livros e periódicos. O professor utiliza técnicas em que possui experiência profissional, como a litografia, para transmitir aos alunos os conhecimentos na área da propaganda profissional.

Além do curso de graduação e das Especializações, o ensino de arte decorativa permanece presente na formação geral da ENBA, pois sua principal cadeira, Composição Decorativa é oferecida aos demais cursos da Escola, com exceção de Professorado de Desenho. Os cursos de Pintura, Escultura e Gravura possuem dois anos de estudos de Composição Decorativa, no terceiro e quarto anos da graduação, com mesma carga horária do curso específico, o que proporciona um intercâmbio interno entre alunos em aulas comuns.

Os alunos do curso de Arte Decorativa também têm cadeiras comuns aos cursos de Pintura, Escultura e Gravura, como: Desenho Artístico; Modelagem; Anatomia e Fisiologias Artísticas; Perspectivas, Sombras e Estereotomia; Modelo Vivo e Desenho de Croquis. A presença do ensino de arte decorativa nos programas dos outros cursos da Escola sinaliza também a manutenção da cadeira, servindo de conhecimento básico para diferentes formações artísticas, porém com um programa bastante diferenciado do dos anos 1930-40. Esta troca também se realiza no âmbito das Especializações, visto que alguns alunos de Pintura, Escultura e Gravura também se interessam por frequentar os cursos.<sup>XVIII</sup>

A principal disciplina do curso de Arte Decorativa, Composição Decorativa, é ministrada pelo catedrático do curso.<sup>XIX</sup> É ele o responsável por organizar todo material da matéria, ministrada juntamente com professores assistentes, muitos deles ex-alunos da própria ENBA que retornam como docentes. A cadeira de Arte Decorativa é documentada em diversas versões de programas e diferentes listas de atividades.

O primeiro desses documentos herda alguns itens da antiga disciplina Arte Decorativa de Henrique Cavalleiro. Gradativamente, Campofiorito amplia e modifica este plano de aula que inclui anotações do catedrático como “rascunho da cadeira quando comecei”. Este primeiro programa de Composição Decorativa é composto por seis itens que se desdobram a partir dos temas das aulas.

O programa é dividido em duas partes, para servir aos alunos do 3º e 4º ano, e “Tratando-se de uma cadeira de ensino prático, a matéria compreendida neste programa será toda ela acompanhada de exercícios correspondentes a cada ponto.” (Tabela 02)

<b>Programa da cadeira de “Composição Decorativa”</b> Professor Quirino <u>Campofiorito</u>	
<b>1ª parte</b>	
1. Estilização	<ul style="list-style-type: none"><li>- Expressão do desenho decorativo;</li><li>- Imaginação ou invenção;</li><li>- Aplicação dos estudos documentários à estilização.</li></ul>
2. Fontes de Inspiração	<ul style="list-style-type: none"><li>- Construtivista e não figurativa: a geometria;</li><li>- Figurativa, a natureza (reino animal, vegetal e mineral; a paisagem e as criações do homem).</li></ul>
3. Composição	<ul style="list-style-type: none"><li>- O motivo (motivo único e motivo padrão);</li><li>- Os ritmos (simetria, repetição e alternância);</li><li>- Equilíbrio;</li><li>- Unidade;</li><li>- Oposição.</li></ul>
4. Forma	<ul style="list-style-type: none"><li>- A natureza das formas (naturalismo e abstracionismo);</li><li>- Adaptações da decoração à forma;</li><li>- Formas planas e formas em relevo;</li><li>- Ornamentação própria e ornamentação aplicada;</li><li>- Situação, proporção e singularidades das superfícies a ornamentar.</li></ul>
<b>2ª Parte</b>	
1. Cor	<ul style="list-style-type: none"><li>- Teoria das cores (cores fundamentais e as derivadas, cores complementares e harmonias cromáticas);</li><li>- <u>Monocromia</u> e policromia;</li><li>- Tom, gama e valores;</li><li>- Importância da cor na decoração.</li></ul>
2. Aplicações às artes industriais	<ul style="list-style-type: none"><li>- A propriedade da ornamentação;</li><li>- Os materiais e os seus recursos;</li><li>- Informação empírica dos processos de trabalho de vidro, cerâmica, tecido, metal, pedra, madeira, papel, desenho de ilustração e composição tipográfica.</li></ul>
3. Composição monumental	<ul style="list-style-type: none"><li>- Realizações murais (planas e em relevo), com obediência às diversas técnicas e aproveitamento dos vários materiais;</li><li>- Os “croquis” e o desenvolvimento;</li><li>- Decorações de caráter provisório, cenários festivos, os materiais empregados e improvisações.</li></ul>

Tabela 2. Programa da cadeira de “Composição Decorativa” - Curso de Pintura, Escultura e Gravura. Professor Quirino Campofiorito. Documento avulso. Fonte: Arquivo Hilda e Quirino Campofiorito / Prefeitura de Niterói.

A principal modificação do programa de Campofiorito, se comparado ao de Cavalleiro, é a divisão do curso em uma parte introdutória composta por estudo e análise da forma, seguido pelos estudos de composição e criação para, enfim, sua aplicação na parte final através das técnicas. No programa de Cavalleiro, as técnicas e materiais estão mesclados com os estudos da forma. Outro ponto importante é a inserção, no plano de Campofiorito, do termo “artes industriais”, que se torna conceito fundamental para o estudo de Composição Decorativa a partir dos anos 1950. O catedrático de Arte Decorativa indica que o estudo nesse item inclui “técnica, história e exercícios especializados” e lista, em seguida, onze segmentos técnicos para tais estudos que, em alguns casos, coincidem com as próprias Especializações do curso. Dentre os itens que não correspondem às Especializações de Arte Decorativa, encontram-se “joalheria”, “tapeçaria”, “bordado, filet e renda” e “encadernação”. Os três últimos, comumente são encontrados nos programas dos cursos técnicos-secundários de Arte Decorativa oferecidos nessa época por outras instituições.

Campofiorito, mais tarde, substitui o programa inicial por outro mais elaborado e detalhado. Em relação ao primeiro programa, ele amplia as atividades da disciplina e especifica melhor cada um dos itens a serem trabalhados. Dessa forma, as aulas de Estilização e Composição, e a de Composição e Ritmos de Composição, somam-se no mesmo segmento. A Cor é mantida como parte independente, porém são adicionados os estudos da Forma, voltada para a natureza das formas naturais e abstratas, planas e em relevos, proporção e ornamentação; não prevista no programa anterior.

Este plano de curso de Composição Decorativa, de 1952, e que, segundo as próprias anotações do catedrático, é usado até 1959. A cadeira é a principal do curso de Arte Decorativa e totaliza quinze horas semanais de aulas, distribuídas em cinco dias (terça a sábado). Para os demais cursos, a carga é de seis horas por semana, divididos em duas aulas (terça e quinta ou quarta e sexta).<sup>xx</sup> O curso segue o modelo de avaliação da Escola, composto por provas parciais, provas finais e exames de primeira e segunda época. O catedrático tem a preocupação de preparar listas de exercícios e trabalhos específicos para turmas de cada curso da Escola, dessa forma, Campofiorito estimula alunos de Pintura, por exemplo, a desenvolverem suas habilidades decorativas mais voltadas para sua formação e de acordo com a demanda de mercado para pintores.

O Regimento de 1948 é substituído por um novo em 1957. Durante os nove anos que está em vigor tal regulamento, é colocada em prática a nova estrutura da Escola e os novos cursos se desenvolvem com número crescente de alunos. A proposta de não apenas formar artistas, mas também profissionais para o mercado de trabalho, como decoradores e professores, contribui para uma abertura do ensino da Escola e a circulação de diversificado grupo de docentes e discentes. Outra inovação na formação artística se estabelece através das formações nas Especializações, também vinculadas ao mercado de trabalho, servindo como mais uma opção para a formação artística até então voltada mais diretamente para as competições artísticas dos salões de arte.

Dessa maneira, percebe-se que a Escola promove uma série de mudanças educacionais que reverberam em um outro conjunto de transformações que vão desde os perfis de alunos que ingressam na instituição até a sua formação profissional, passando por um novo corpo docente especializado em diferentes técnicas artísticas e pela forma como a ENBA passa a ser vista no contexto externo a Escola. No campo do ensino das artes decorativas é possível perceber que a disciplina voltada especificamente para este estudo contribui para o exercício da composição artística aplicada a diferentes técnicas, o que enriquece não apenas a formação dos decoradores, mas também dos pintores, escultores, gravadores e, mais tarde, também de professores de desenho na ENBA.

O Regimento de 1948, portanto, concentra um conjunto de determinações que efetivamente redefinem a Escola Nacional de Belas Artes de acordo com discussões que se estendem desde os anos 1920 e 1930 no contexto educacional carioca e que ganha forma a partir de fins dos anos 1940. O Regimento, porém, não resolve todas as questões pendentes sobre a Escola e o seu ensino artístico, muitos dos debates são retomados no regulamento seguinte, de 1957, e outros revistos apenas nos anos 1960, no entanto, a importância fundamental do Regimento de 1948 é marcar oficialmente, através de um documento que rege o ensino da Escola, o primeiro conjunto efetivo de modificações da estrutura da ENBA que corroboram com a realidade da época e com as demandas artísticas do século XX.

**Marcele Linhares Viana** - doutora em Arte Visuais (História e Crítica da Arte) pelo Programa de Pós Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Escola de Belas Artes da UFRJ, e é docente de História da Arte no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). É integrante do grupo de pesquisa Entresséculos. Este artigo é parte da pesquisa de tese de doutoramento sobre o ensino de arte decorativa na Escola Nacional de Belas Artes, intitulada “Arte Decorativa na ENBA – Inserção, Conquista de Espaço e Ocupação (1930 – 1950)”.

### Notas finais

- I. A Faculdade Nacional de Arquitetura é criada pelo Decreto nº 7918, de 31 de agosto de 1945
- II. Antiga Universidade do Rio de Janeiro (URJ) que tem seu nome alterado nos anos 1930.
- III. O Regimento da ENBA é aprovado pelo Conselho Universitário em 17/08/1946 e publicado no Diário Oficial em 08/08/1947, entrando em vigor no ano de 1949. Regimento Interno da ENBA da Universidade do Brasil – 1948.
- IV. Gravura de Metais e Pedras Preciosas.
- V. Regimento Interno da ENBA da Universidade do Brasil – 1948, p1.
- VI. Regimento Interno da ENBA da Universidade do Brasil – 1948, p488.
- VII. *Ibidem*, p1.
- VIII. A disciplina tem, em seguida, seu nome abreviado para Arte Aplicada e, mais tarde, alterado para Arte Decorativa, porém, nos documentos encontrados, ambos os nomes são frequentemente utilizados em diferentes períodos.
- IX. Diário Oficial – Seção I, de 05/11/1946, p14854-14855.
- X. O curso de Extensão que Eliseu Visconti organiza na Escola Politécnica da URJ, que tem início em 1934 e se estende pelos anos 1940, é frequentado por Henrique Cavalleiro.
- XI. NOGUEIRA, F. de A. A Escola Nacional de Belas Artes. Revista do Serviço Público. Setembro e outubro de 1948, p176.
- XII. Regimento Interno da ENBA da Universidade do Brasil – 1948, p1.
- XIII. *Ibidem*, p1.
- XIV. *Ibidem*, p1.
- XV. Porém, ao fim do documento, o Artigo 257 determina que a cadeira de Arquitetura Analítica passe a ser denominada como Desenho de Ornatos e Elementos de Arquitetura. O que acaba não ocorrendo no Regimento de 1948, nem no Regimento subsequente, de 1957.
- XVI. GALVÃO, Alfredo. Subsídios para a História da Academia Imperial e da Escola Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro: 1954, p83. De acordo com histórico bibliográfico do professor apresentado nos Arquivos da ENBA, de 1960, consta que Cavalleiro é Catedrático Interino de Arte Decorativa (1938), Docente-livre de Desenho Artístico (2ª cadeira - 1948), Docente-livre de Modelo Vivo (1950) e passa no concurso para Catedrático de Pintura (1ª cadeira - 1953), tomando posse no ano seguinte.
- XVII. Regimento Interno da ENBA, 1948, p5.
- XVIII. Em geral, os alunos de Pintura, Escultura e Gravura, após a formação na graduação, se dedicam a estudos especializados para concorrer ao Prêmio de Viagem nos Salões Nacionais, no entanto, alguns frequentam os cursos de Especialização de Arte Decorativa. O gravador Adir Botelho, por se interessar pela gravura plana, frequenta o curso de Waldomiro Christino, como consta na pesquisa de Ricardo Pereira sobre o artista. Cf PEREIRA, Ricardo A. B. Canudos – Tragédia e arte na xilogravura de Adir Botelho. Dissertação (PPGAV). Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2012, 350f, il. Orientador: Angela Ancora da Luz.
- XIX. Campofiorito também, frequentemente, escreve artigos em periódicos sobre o tema e apresenta conferências com temas variados para expandir o repertório dos alunos de Arte Decorativa, como a proferida em 05/08/ 1952 na ENBA com o título de “A Arte da Tapeçaria”. Noticiário – Notícias do DA. Boletim da ENBA. Ano I. Nº2. Rio de Janeiro, junho de 1952.